



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

O DESAFIO DE ENVELHECER COM SÍNDROME DE DOWN

Autores: Martins, Daniel Vilela¹; Barbosa, Rildo da Silva¹;
Silva, Amanda Jessica Bernardo da ¹.

¹ Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)
danielvilelamartins@gmail.com



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Introdução

A Síndrome de Down (SD) talvez seja a condição mais antiga associada ao retardo mental e a causa genética mais comum de deficiência do desenvolvimento (1,6). Ela constitui um acidente genético que ocorre, geralmente, no par 21 durante a divisão das células, onde são retratados três tipos de problemas: trissomia 21, translocação e mosaicismos (2,7).

Na atualidade, a pessoa com deficiência mental, como o resto da população, tem aumentado a sua expectativa de vida graças à prevenção, cuidados de saúde e avanços da ciência e da biologia. A expectativa média de vida das pessoas com síndrome de Down, que era de apenas 9 anos em 1920, chega, hoje, a 56 anos em países desenvolvidos (6). No Brasil uma pesquisa realizada pela Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) de São Paulo evidenciou que houve, na última década, um aumento de 20 anos na expectativa de vida das pessoas com deficiência mental, que passou de 35 anos, em 1991, para 55 anos, em 2000.

O aumento da expectativa de vida das pessoas portadoras de síndrome Down, associado ao seu nível de dependência e a promoção de uma boa qualidade de vida excede, entretanto, os limites da responsabilidade pessoal, sendo vista como um empreendimento de natureza sociocultural. Em outras palavras, a velhice satisfatória não depende apenas das ações do indivíduo, mas é resultante das interações das pessoas que vivem no seu ambiente (1). Pois, envelhecer em presença de uma incapacidade prévia representa uma possibilidade de dupla dependência em uma idade mais avançada (3).

Sendo assim, o objetivo deste trabalho é apresentar como os avanços da ciência proporcionaram a velhice de pessoas com síndrome de Down, enfatizando, porém, a exclusão social dessas pessoas.



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

Metodologia

O presente trabalho utilizou como fonte bibliográfica o portal de periódicos da CAPES, Bireme, e a base de dados da SCIELO. No portal de periódicos Capes foram utilizados os seguintes descritores: "down syndrome" AND "aging" perfazendo um total de 6969 artigos. Buscaram-se primeiramente os artigos publicados após 2003 e depois após 2012, restando assim, 64 artigos. Dentre esses, foram selecionados 4 artigos devido a sua relevância e adequação ao tema.

Posteriormente usou-se a Bireme com os descritores síndrome de down e envelhecimento com um resultado de 1310 artigos. Destes foram selecionados mais 4 artigos devido a sua relevância e adequação ao tema. Já na base de dados da SCIELO foi usado o descritor síndrome de Down resultando 346 artigos, com um filtro para artigos escritos em português restando 171 artigos. Dentre esses artigos foram selecionados 2 artigos.

Resultados e Discussão

O tempo é um aspecto muito diferenciado no desenvolvimento de quem tem SD. A aquisição mais tardia das habilidades leva a mudanças de expectativas, o marcos do desenvolvimento acontece em idades muito variadas, fazendo com que os pais estimulem e esperem o momento da conquista de determinada habilidade. Assim, como consequência dessa cronologia diferenciada, em função de alterações metabólicas, o envelhecimento inicia-se precocemente aos 25 anos de idade(3).

Indivíduos com a Síndrome de Down, têm grande chance de manifestar sintomas da doença de Alzheimer após os 40 anos de idade, mas a sua real prevalência ainda é um ponto conflitante entre as diversas pesquisas sobre o tema (5,10). Alguns pesquisadores defendem que a maior prevalência de demência nestes casos pode também estar associada à menor exposição destes indivíduos a



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

ambientes estimuladores ao longo da vida (7,4).

Outros problemas de saúde podem ocorrer no portador da síndrome de Down: cardiopatia congênita (40%); hipotonia (100%); problemas de audição (50 a 70%); de visão (15 a 50%); alterações na coluna cervical (1 a 10%); distúrbios da tireóide (15%); problemas neurológicos (5 a 10%); obesidade e envelhecimento precoce. Tratamentos e terapias, em especial a estimulação precoce com fisioterapia e fonoterapia, mostram uma inequívoca contribuição para melhor desenvolvimento e desempenho social do portador da SD (6).

Todavia, o fato de viver mais não significa, necessariamente, que essa população esteja vivendo melhor. Na opinião de Edgilson Tavares, da APAE de São Paulo, as pessoas idosas com deficiência mental vivem uma “exclusão em dobro”, pois são discriminadas por serem deficientes e idosas (8).

Sendo assim, é necessário promover uma intervenção em fatores potencialmente modificáveis de ordem sócio-ambiental, a fim de ampliar as oportunidades tanto para uma maior adaptabilidade funcional quanto para a percepção de qualidade de vida dos portadores de SD.

Conclusão

O acesso às técnicas e tecnologias compatíveis com o estágio de conhecimento que a humanidade já alcançou, tem proporcionado uma maior expectativa de vida de pessoas com síndrome de Down. Porém, o desenvolvimento de políticas baseadas em necessidades, e não em direitos, excluem esses indivíduos do direito a cidadania.

Deste modo, é necessário considerar que uma sociedade que se proponha a ser inclusiva, certamente deve disponibilizar oportunidades abrangentes que contemplem as diferenças. Advogar por uma auto-suficiência é no mínimo irreal

para quem vive com deficiências mais severas e precisa necessariamente das compensações advindas de elementos externos.

Referências

1. Bissoto, Maria Luísa; Desenvolvimento cognitivo e o processo de aprendizagem do portador de síndrome de Down: revendo concepções e perspectivas educacionais. *Ciência e cognição* v 4 2005, pp 80-88.
2. Carmeli, Eli ; Ariav, Claudette ; Bar-yossef, Movement skills of younger versus older adults with and without Down syndrome. *Research in developmental disabilities*, 2012, Vol.33(1), pp.165-71
3. Casarin Sonia ;Doutorado em Psicologia clinica, Síndrome de Down caminhos da vida PUC SP 2007.
4. Head, Elizabeth ; Silverman, Wayne ; Patterson, David ; Lott, Ira T Aging and down syndrome *Current gerontology and geriatrics research*, 2012.
5. Marques, Alexandre Carriconde; Nahas, Markus Vinicius. Qualidade de vida de pessoas portadoras de Síndrome de Down, com mais de 40 anos, no Estado de Santa Catarina *R. Bras. Ci. e Mov. Brasília* n. 2 p. 55-61, 2003.
6. Moreira, lília MA; El-Hanib, Charbel N; Gusmão, Fábio AF. A síndrome de Down e sua patogênese: considerações sobre o determinismo genético *Rev Bras Psiquiatr* 2000;22(2):96-99
7. Pletsch, Márcia Denise; O envelhecimento das pessoas com deficiência mental: um novo desafio. *Anais do 10º Congresso Estadual das APAES de Minas Gerais e 3º* 2006.
8. Santos, Flávia Heloísa dos; Andrade Vivian Maria. Envelhecimento: processo multifatorial. *Psicologia em Estudo, Maringá*, v. 14, p. 3-10, jan./mar. 2009
9. Sheppard, Olivia ; Plattner, Florian ; Rubin, Anna ; Linehan, ; Altered regulation



Congresso Internacional de Envelhecimento Humano

Avanços da ciência e das políticas públicas para o envelhecimento

of tau phosphorylation in a mouse model of down syndrome aging
Neurobiology of Aging, 2012, Vol.33(4), pp.828.

10.Smith,Marília de Arruda Cardoso; Doença de Alzheimer. Rev. Bras.
Psiquiatr. vol.21 s.2 São Paulo Oct. 1999.